

# Funaro defende novos empréstimos e prazos maiores

GILBERTO MENEZES CORTES  
Enviado especial

SEUL, COREIA DO SUL — O ajuste do balanço de pagamentos dos países devedores não será bem sucedido se não for acompanhado de novos empréstimos realistas e da reestruturação dos prazos dos créditos fornecidos pelos bancos privados e credores oficiais. A afirmação foi feita ontem pelo Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, durante seu discurso na reunião do Comitê Provisório do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Funaro disse que o Governo brasileiro não irá sacrificar o crescimento econômico à espera do desejado reordenamento da economia mundial. Lembrou que a falta de coordenação das políticas comerciais, monetárias e fiscais dos países credores é responsável pela recessão e pelo desemprego nos países em desenvolvimento.

Ele elogiou as iniciativas de reforço financeiro e operacional do FMI e do Banco Mundial defendidas pelo Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, mas salientou que é necessário que os bancos credores ampliem sua atuação, mediante facilidades operacionais, na reestruturação da dívida e no refinanciamento do pagamento dos juros.

Funaro argumentou ser essencial que os Governos dos países credores não imponham novas restrições que inibam os bancos a reciclar ou fornecer novos recursos, segundo os interesses mais amplos do crescimento econômico dos devedores. Afinal, disse, os países credores são a maior parte do mercado.

Esta posição também foi reforçada pelo Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, que ontem afirmou que os bancos privados devem ampliar seus empréstimos aos países devedores, como forma de permitir que executem políticas de ajustamento mais consistentes.

Baker voltou a defender um papel central para o FMI como garantidor dos programas de ajustamento dos devedores, conforme desejam os grandes bancos credores. Lembrou, porém, que o próprio FMI e o Banco Mundial precisam ser reforçados para poderem auxiliar financeiramente os países.

Ele disse que, ao contrário do que ocorreu nos últimos três anos, quando houve restrição dos créditos, resultando em transferência de capital dos devedores, os bancos privados deveriam ser estimulados a retomar os empréstimos ao mundo subdesenvolvido a uma base de 2,6 a 3,3 por cento de aumento anual nos próximos três anos.

Os bancos credores, porém, continuam firmes no propósito de exigir programas de ajustamento rígidos, sob a supervisão direta do FMI, para aceitarem a renegociação em bases mais favoráveis da dívida externa. Esta foi a posição apresentada pelo Coordenador do Comitê de Renegociação da Dívida do Brasil, México, Chile, Venezuela e Peru, William Rhodes, em reunião com o Presidente do Banco Central do Brasil, Fernão Bracher.